

Organizando simbolicamente o panteão do antigo egipto. As tríades divinas

Submetido em Março/2016

Aceito em Maio/2016

José das Candeias Sales¹

RESUMO:

O esquema das tríades divinas (associações de três divindades, inicialmente de uma mesma cidade, depois também em locais geográficos diferentes) é o agrupamento de divindades egípcias mais frequente do antigo Egipto.

A constituição de uma tríade respondia directamente à intenção e ao interesse do(s) sacerdócio(s) em estabelecer uma ligação entre os vários cultos de uma determinada localidade ou entre os cultos de regiões distintas.

As funções dos membros desses agrupamentos dependiam inteiramente do contexto mítico ou ritual em que eram invocadas e em que justificavam as suas associações, em que, em todos os casos, se procurava «a unidade na diversidade».

Palavras-chave: Tríades -Pensamento religioso – Unidade - Pluralidade.

ABSTRACT:

The scheme of divine triads (associations of three deities, originally from the same city, later also from different geographic locations) is the most frequent group of deities of ancient Egypt.

The formation of a triad resulted directly from the intention and interest of the priesthood(s) in establishing a link between the various cults of a particular locality or between services of different regions.

The functions of the members of these groups depended entirely on the mythical or ritual context in which they were invoked and in which they justify their associations that, in all cases, was an attempt for «unity in diversity».

Keywords: Triads - Religious thought – Unity - Plurality.

¹ Doutorado em História Antiga – domínio de Egiptologia; Professor Auxiliar com Agregação da Universidade Aberta (Portugal); Investigador Integrado do Centro de História da Universidade de Lisboa (CHUL); Investigador Associado do Centro de História d'Aquém e d'Além Mar (CHAM) da Universidade Nova de Lisboa; Jose.Sales@uab.pt.

«Il est impossible de *definir* ce qu'est un dieu. Quel que soit notre commentaire à son propos, il n'en exclut pas une quantité d'autres.»

Erik Hornung, *Les dieux de l'Égypte - Le Un et le Multiple*, Monaco, Éditions du Rocher, 1986, p. 238.

As tríades divinas são um tipo de agrupamento muito comum no âmbito da organização do panteão da antiga religião egípcia, frequentemente considerado como constituindo uma unidade, associando os conceitos e os simbolismos de «três» e de «um», e algumas vezes encarado como transformando o politeísmo em triteísmo e em monoteísmo ou como tendo influenciado a própria formulação cristã da doutrina da Trindade (DERCHAIN, 1970, 132, 133; TE VELDE, 1971, 80; GRIFFITHS, 1973, 28; MORENZ, 1977, 191-198; KÁKOSY, 1980, 48; SALES, 1999, 34).

Embora as formações em tríade sejam um fenómeno relativamente tardio na história egípcia (TRAUNECKER, 1992, 66, 67) e o termo «tríade» raramente apareça nos textos egípcios, as tríades eram, de facto, muito frequentes no Egipto: Osíris, Isis e Hórus (Abidos), Ptah, Sekhmet e Nefertum (Mênfis), Amon, Mut e Khonsu (Karnak), Khnum, Satet e Anuket (Elefantina), Khepri-Ré-Atum (Heliópolis); Ptah-Sokaris-Osiris (Mênfis), Hathor, Hórus e Ihy (Dendera), Hórus, Hathor e Harsomtut (Edfu), são alguns dos casos mais conhecidos.

No âmbito do esquema familiar de organização das tríades, o deus-criança pode ser introduzido na família divina através de dois processos: ou mais tarde, num processo «2 + 1», ou ao mesmo tempo em que se associa a deusa-mãe ao casal divino (num processo «1 + 2»). As fontes são, normalmente, imprecisas e ignoramos, por isso, em muitos casos, o processo de adição praticado no âmbito de uma tríade (HORNUNG, 1986 , 199, 200, e WILKINSON, 2003, 75). Parece claro, todavia, que a constituição de uma tríade responde directamente à intenção e ao interesse do(s) sacerdócio(s) em estabelecer uma ligação entre os vários cultos de uma determinada localidade, embora este aspecto não possa ser entendido e interpretado, para todos os casos, de forma sistemática.

De facto, só os grandes centros religiosos recorreram a este processo de constituição de famílias divinas, susceptíveis da sua integração num contexto mitológico-cosmogónico-teológico maior. Noutros casos, as funções dos membros dessas «pseudo-famílias» dependiam inteiramente do contexto mítico ou ritual em que eram invocadas e em

que justificavam a sua «associação familiar», em que se procurava «a unidade na e sob a diversidade».

No pensamento religioso egípcio, como reconhecem muitos autores, a tríade é geralmente usada precisamente como uma forma de responder ao problema da pluralidade *versus* unidade divina: «The triad restricts plurality and differentiates unity, as every plural number does» (TE VELDE, 1971, 80); «"Trois" semble être en même temps une façon de désigner le pluriel» (MORENZ, 1977, 191); «"Trois" est la manière la plus simple et donc la plus appréciée d'exprimer "plusieurs" ou le pluriel» (HORNUNG, 1986, 200); «The number three was an important one signifying plurality – or unity expressed in plurality – for the Egyptians.» (WILKINSON, 2003, 76; WILKINSON, 1994, 131).

Sendo estrutural no seio da religião egípcia, com claras repercussões no desenvolvimento do culto e da devoção, este conceito dinâmico não se esgota, porém, como veremos, aqui. Quando se aborda esta temática da tríade divina egípcia como agente formativo da mitologia há uma série de *nuances* e de distinções operativas que é necessário considerar para se alcançar uma adequada definição do conceito e do termo quando aplicado ao antigo Egito.

Desde logo, a mais definidora das distinções nocionais que distingue dois tipos, de acordo com a sua estrutura ou concepção. De um lado, temos a chamada «tritheistic structure»², ou seja, um agrupamento familiar formado com base em critérios de fertilidade, abundância ou legitimidade real/ sucessão hereditária, normalmente por um deus-pai, uma deusa-mãe e um deus-filho, independentemente do momento/ da fase histórica, das tradições e divisões locais e das motivações, significações e implicações políticas e religiosas da adição do «terceiro elemento» (o deus-criança) a um determinado casal divino. A relação (em muitos casos, «prévia») do casal divino expressa a oposição binária masculino/ feminino contida na tríade, tornada fértil a partir da inclusão de um deus-criança. Nesta constelação de deuses, estão assim presentes ambos os géneros.

De outro, consideram-se as divindades agrupadas de acordo com a «modalistic conception», definida por Kákosy como: «a sort of triune conception of deities where the god appears under three aspects or modes without becoming, in fact, three gods. The members reflects three aspect of one reality» (KÁKOSY, 1980, 48). Sem uma «obrigatória» relação familiar, as três divindades unidas reflectem, pois, aspectos/ modalidades de uma mesma realidade e são um agrupamento formado por razões puramente simbólicas.

² O termo é usado, entre outros, por Kákosy (KÁKOSY, 1980, 48). Te Velde, por seu turno, usa a designação «triadic structure» (Cf. TE VELDE, 1971, 80).

Significativamente, na especulação teológica egípcia uma mesma divindade, por enriquecimento da sua natureza, por assimilação ou sincretismo, podia integrar-se numa qualquer categoria de tríade e cumprir, assim, simultaneamente, vários papéis e atributos. Pode, por isso, encontrar-se a mesma divindade cumprindo várias funções sem que isso prejudique a «mensagem» inerente à tríade egípcia como forma de organização do panteão.

No âmbito da tritheistic structure, a tríade «normal» egípcia (Grupo I) congrega, pois, três divindades associadas familiarmente, em que a divindade principal é um deus-pai e a divindade menor um deus-filho (masculino), sendo o outro lugar disponível na tríade ocupado por uma deusa-mãe (WILKINSON, 2003, 74). São numerosos os casos atestados no seio da mitologia egípcia:

MEMBRO LOCAL DE CULTO	DEUS-PAI	DEUSA-MÃE	DEUS-FILHO
ABIDOS	Osíris	Isis	Hórus
ALEXANDRIA	Serápis	Isis	Horpakhered
ATHRIBIS	Min	Repit	Kolanthés
BUBASTIS	Atum	Bastet	Horhekenu
EDFU	Hórus	Hathor	Harsomtut
FAIUM	Sobek	Renenutet	Hórus
HERMONTIS	Montu	Tjenet	Harpré
KARNAK	Amon	Mut	Khonsu
KOM OMBO	Hor Uer	Tasenetnofret	Panetbau
KOM OMBO	Sobek	Hathor	Khonsu-Hor
MENDES	Banebdjedet	Hatmehyt	Horpakhered
MÊNFI	Ptah	Sekhmet	Nefertum
MÊNFI	Ptah	Hathor	Imhotep
NAG EL-MADAMUD	Montu	Rettau	Horpakhered
NAQA	Apedamak	Isis	Hórus
SAFT EL-HINNA	Sah	Sopdet	Sopedu
-----	Geb	Renenutet	Neheb-Kau

Na esmagadora maioria das vezes, o deus principal é do sexo masculino e o terceiro elemento da família divina é um deus-filho. Esta preferência pela «descendência masculina» pode estar relacionada com os vários relatos míticos que enfatizam a passagem de herança e a sucessão de pai para filho.



Fig. 1. A tríade de Abidos - Osíris, Isis e Hórus.
Pendente de ouro e lápis-lazúli em nome do faraó Osorkon II (XXII Dinastia). Museu do Louvre.

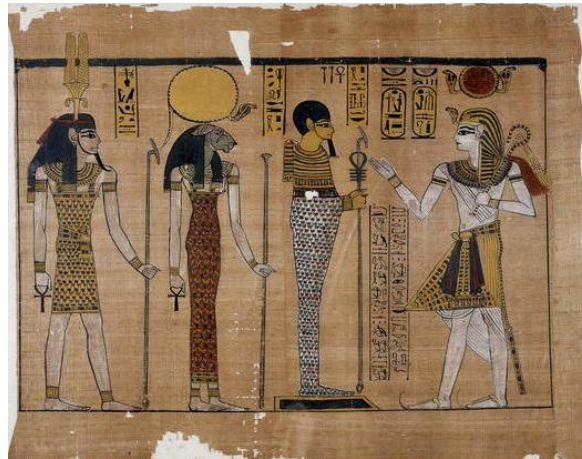


Fig. 2. A tríade de Mênfis - Ptah, Sekhmet e Nefertum.
Grande Papiro Harris (XX Dinastia). British Museum.

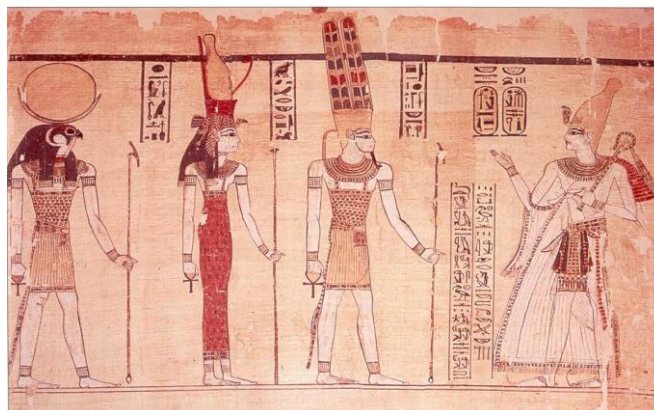


Fig. 3. A tríade de Karnak – Amon, Mut e Khonsu.
Pormenor de papiro da XX Dinastia (reinado de Ramsés III).

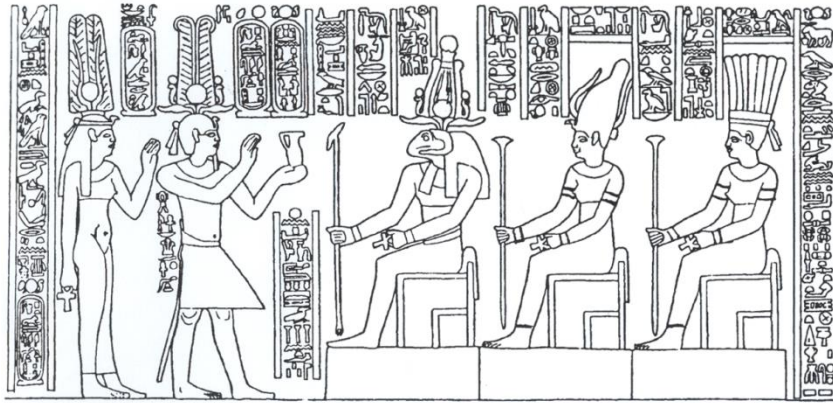


Fig. 4. A triade de Elefantina. Khnum, Satet e Anuket.
Mammisi do Templo de Isis em Filae (sala III, parede oeste).

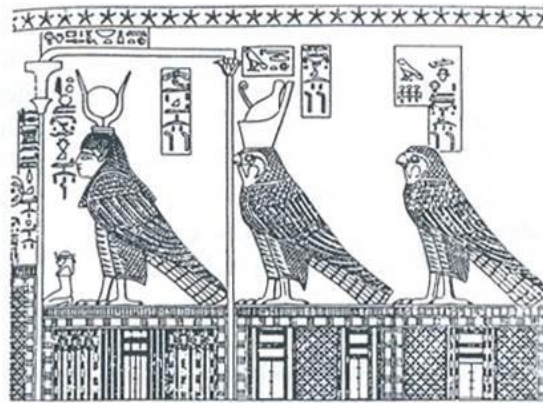


Fig. 5. A triade de Edfu: Hórus, Hathor e Harsomtut.

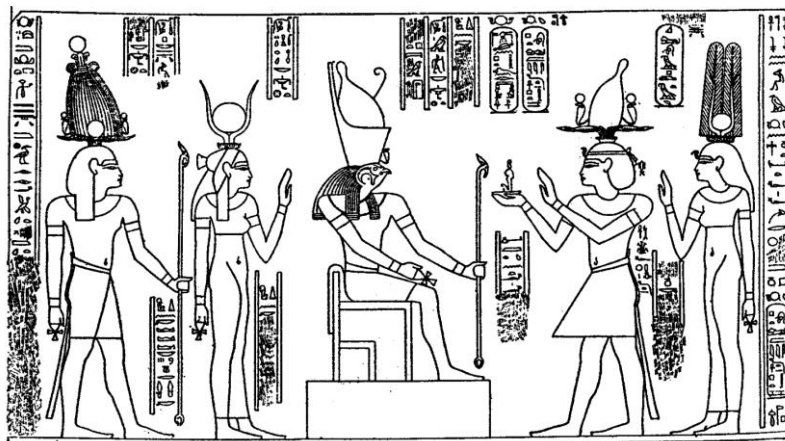


Fig. 6. Uma triade de Kom Ombo: Hor Uer, Tasenetneferet e Panebtaui.
Templo de Kom Ombo, Lintel da porta da sala B, face oeste.
(*Catalogue des Monuments et Inscriptions de l'Égypte antique. Tome II. Kom Ombos*, 1895, 292).

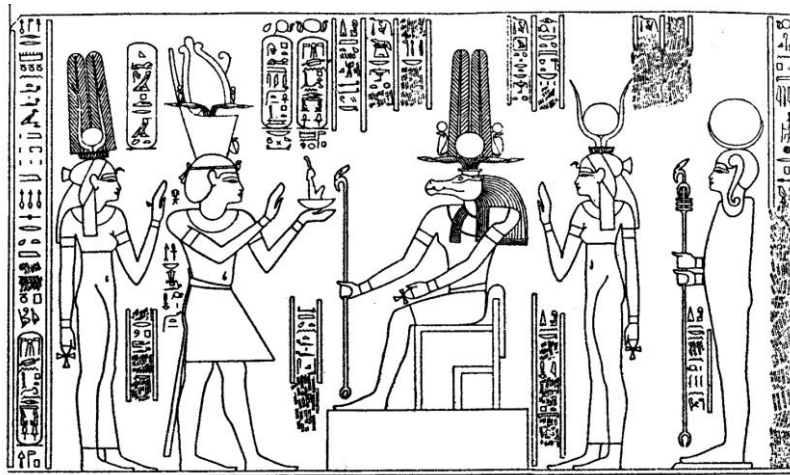
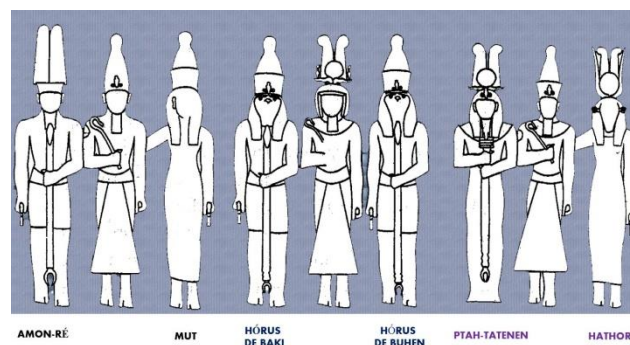


Fig. 7. Outra tríade de Kom Ombo: Sobek, Hathor e Khonsu-hor.
Templo de Kom Ombo, Lintel da porta da sala B, face oeste.
(*Catalogue des Monuments et Inscriptions de l’Égypte antique. Tome II. Kom Ombo*, 1895, 292).

Este esquema («pluralistic triads: the family») admite, todavia, algumas variações: em Dendera, em Sais, em Behbeit el-Haggar e em Filae, a divindade principal é uma deusa, embora se mantenha a presença de um deus-menino masculino (Dendera: Hathor-Hórus-Ihy; Sais: Neit-Set-Sobek; Behbeit el-Hagar e Filae: Isis-Osiris-Hórus). Em Elefantina e em Esna, o deus-criança é extraordinariamente do género feminino (Elefantina: Khnum-Satet-Anuket; Esna: Khnum-Neit-Satet). Muitas vezes, como testemunham vários exemplos iconográficos e literários, é o próprio faraó que é associado ao par divino como seu «filho», formando uma tríade de base familiar, pondo em acção do ponto de vista religioso, simultaneamente, os seus membros humanos e divinos, bem como as «heranças» que dessa forma se transmitiam e captavam³.



³ Um exemplo paradigmático é o de Ramsés II: faz-se passar como filho de Amon e Mut, Ptah-Tatenen e Hathor, Ptah e Sekhmet, Ré-Horakhti e Iusas, de Hórus de Miam e Ísis, de Nefertum e Satet, de Khnum e Anuket (Cf. SALES, 2005, 54; SALES, 2007, 177, 204) – vide figs. 8-10.

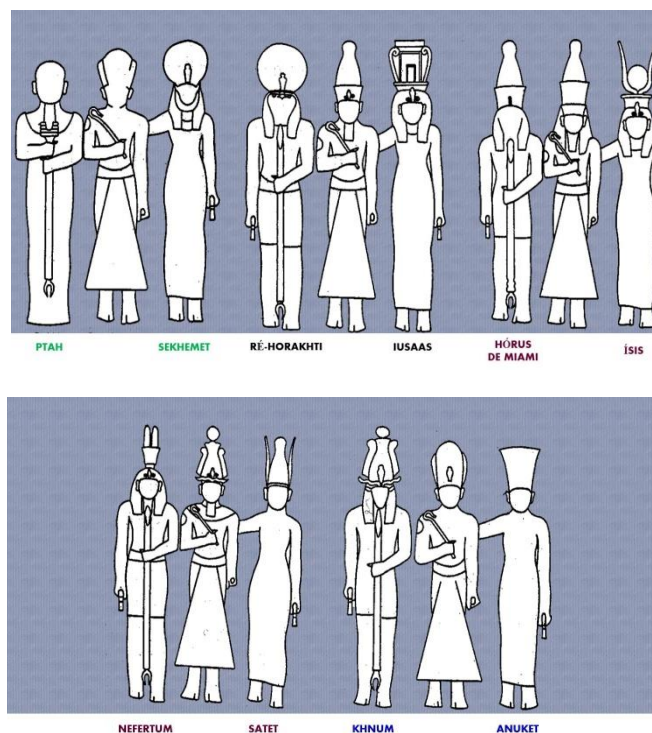


Fig. 8-10. Nichos da sala hipostila do templo de Ptah, em Geref Hussein: Ramsés II como filho de uma série de casais divinos. (DESROCHES-NOBLECOURT, 1999, 259).

Da mesma forma, a multicultural «tríade da sexualidade» Qadesh-Rechep-Min (Deir el-Medina), da Época Raméssida, e compostas por uma deusa e dois companheiros masculinos (duplicação de adultos do género masculino), e a tríade de Karnak, Montu-Iunet-Tjenenet ou Montu-Tjenenet-Rettaui, um deus e duas deusas (duplicação de adultos do género feminino), são classificáveis na categoria de tríades de tritheistic structure, expressando todas a plural total do divino.

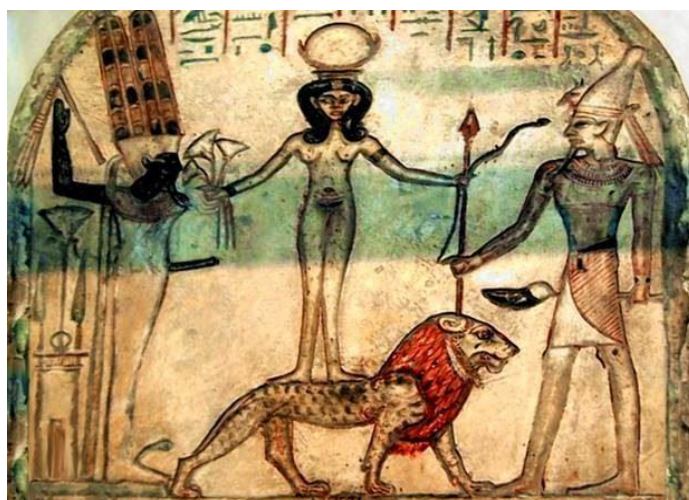


Fig. 11. A tríade da sexualidade de Deir el-Medina: Qadech, Rechep e Min. Detalhe da Estela de Turim C 1601, proveniente de Deir el-Medina (XIX Dinastia). Museu Egípcio de Turim.

Neste sub-grupo das tríades de um deus masculino com um par de deusas são ainda de mencionar Osíris-Isis-Néftis, Hórus-Isis-Néftis e Atum-Iusas-Nebethetepet. É possível, portanto, como defendia Te Velde, distinguir nesta primeira categoria tríades que agrupam dois deuses e uma deusa (qualquer tríade do Grupo I) ou um deus e duas deusas (por exemplo, a tríade de Elefantina ou as tríades de Karnak mencionadas acima). As tríades de Menkauré (o faraó entre duas divindades do panteão) podem também ser integradas neste sub-grupo⁴.

O deus de Amarna, Aton, não se une com outras figuras divinas em tríade, no entanto, há, por vezes, em certos autores, uma certa «obsessão» pela «produção» de uma «família» para Aton e assim associam-se-lhe Akhenaton e Nefertiti, qual tríade divina especial (um deus + dois humanos): o rei e a rainha louvavam Aton e o povo louvava a tríade (SILVERMAN, 1991, 85; ASSMANN, 2001, 107). Outros, procuram construir a tríade com Ré-Horakhti, Akhenaton e Aton, embora sem uma clara demarcação das suas «relações familiares». É, compreensivelmente, um «esforço» de equiparar a religião de Amarna com a de outros grandes centros teológicos egípcios, como Tebas e Heliópolis, onde o divino se exprimia através dessas configurações em tríade (ZABKAR, 1954, 90, 91). Em bom rigor, com base na hinologia e na liturgia amarniana, poderíamos falar, quanto muito, de uma «díade», pela profunda relação entre Aton e Akhenaton. Mesmo neste caso, estamos a falar de um deus e de um agente humano, que se faz passar por «filho de deus», e não perante dois deuses.

Em síntese, como afirma Wilkinson, o «divine family models clearly did not intimate mere plurality in their three-part structure, but each seems to have symbolized what might be called a unified system, or numerically, a unified plurality» (WILKINSON, 1994, 133).

As tríades da «modalistic Conception» (trindades ou tri-unidades), além de reflectirem aspectos de uma mesma realidade e de constituírem uma «pluralistic totality», consistem em três deuses ou três deusas, não havendo, neste caso, diferenciação sexual no interior do agrupamento divino. Integram-se nesta categoria, por exemplo, as *ban* de Pe

⁴ Em quatro estátuas de xisto (grauvaque), descobertas em 1908, por George Reisner, no Templo do Vale da mais pequena das três grandes pirâmides de Guiza (três hoje no Museu do Cairo – [JE 40678](#), [JE 40679](#) e [JE 46499](#) – e a outra, representando Hathor no centro, no Museum of Fine Arts of Boston – [09.200](#)), este faraó da IV dinastia surge, como figura central, entre a deusa Hathor e outra divindade feminina prefigurando um *nomos* do antigo Egipto. Este agrupamento de três seres divinizados, posta ao serviço da ideologia real, tendo por base a concepção do apoio/ /suporte divino como garante do exercício do poder, desenvolve-se de acordo com o mesmo simbolismo do número três (a unidade expressa pela pluralidade).

(Buto) e Nekhen (Hieracômpolis)⁵, as formas solares Khepri-Ré-Atum (Heliópolis)⁶, Ptah-Sokar-Osiris (Mênfis)⁷, Amon, Ré-Horakhti e Ptah (Abu Simbel)⁸, os três Khonsu de Tebas (Khonsu Neferhotep-Khonsu Uennekhu-Khonsu Pairsekhet)⁹ ou Hórus de Miam-Hórus de Baki-Hórus de Buhen (Abu Simbel)¹⁰. Estamos sempre em presença da sub-categoria de três divindades masculinas¹¹. As deusas Qadesh-Astarte-Anat (Deir el-Medina), três das mais importantes deusas da Ásia ocidental, integram-se no sub-grupo das três divindades femininas¹².

⁵ Os *bau* de Pe (a capital do reino do Delta) são representados como três deuses com cabeça de falcão e os *bau* de Nekhen (antiga capital do Alto Egito) são três deuses com cabeça de cão selvagem. Em ambos os casos, trata-se de divindades masculinas que simbolizam os governantes pré-dinásticos das duas regiões e eram encarados como poderosos espíritos ou divindades que serviam os reis falecidos e assistiam os reis vivos (WILKINSON, 2003, 89, 90) – vide figs. 12 e 13.

⁶ A tríade solar de Heliópolis representa as modalidades ou aspectos do Sol durante o dia: Khepri (escaravelho ou figura híbrida com cabeça de escaravelho) representando o Sol matinal; Ré, o disco solar, a presença física do Sol do meio-dia; Atum (como ancião ou como figura híbrida com cabeça de carneiro) representando o Sol do entardecer. Os três momentos da existência do astro-rei (a tri-unidade dos deuses solares) expressa teologicamente a unidade do próprio Sol (ASSMANN, 2001, 107) – vide fig. 14.

⁷ A forma composta Ptah-Sokar-Osiris congregava três divindades que zelava pelo bem-estar e segurança do defunto no Além, podendo, por isso, ser considerada uma divindade funerária que assegurava a regeneração/ renascimento/ recriação dos mortos. A tríade representava as três facetas da existência: a criação (Ptah), a morte (Sokar) e a ressurreição (Osiris) – MORENZ, 1977, 191; TRAUNECKER, 1992, 67, 68; SALES, 1999, 347 – vide fig. 15.

⁸ Os três deuses representados escultoricamente no santuário do Templo Grande de Abu Simbel (a tríade dos deuses masculinos principais) constituem uma unidade, na medida em que são a representação essencial dos diferentes e diversos deuses do império egípcio na época de Ramsés II (TE VELDE, 1971, 81; PETERS-DESTÉRACT, 2003, 227). Como se diz no Hino a Amon de Leiden numa expressiva formulação teológica: «Três são os deuses: Amon, Ré e Ptah; não têm quem se lhes equipare. Amon é o seu nome (*rn*), enquanto oculto; Ré é a sua face (*hr*) e o seu corpo (*d.t*) é Ptah» (Hino a Amon de Leiden, capítulo 300 –in BARUCQ, DAUMAS, 1980, 224). Não pode ser uma coincidência que esta estrofe do Hino a Amon, que explora a destacada importância do número 3, tenha o número «300». Todo o panteão é restrito à tríade, como se de um só deus se tratasse. Morenz, na senda de Gardiner, chama a atenção para a tensão/ dialética entre o singular e o plural, «a trinity as a unity». A exacta expressão de Gardiner era «Amon, Re and Ptah, the three principal gods of the Ramesside time, are represented as a trinity in a unity» (GARDINER, 1905, 36; MORENZ, 1977, 193). Vide também BAINES, 2009, 123-125 – fig. 16.

⁹ Vide HART, 1986, 113.

¹⁰ As três formas de Hórus representavam as três grandes regiões da Nubia ou se preferirmos três formas ou aspectos de um deus (Hórus). Na época de Horemheb, a esta tríade junta-se uma quarta figura: o Hórus de Meha, formando então a tétrade da Núbia (DESROCHES-NOBLECOURT, 1999, 59, 165).

¹¹ A este grupo, podiam ainda acrescentar-se as tríades Amon-Ré-Montu, Amon-Ré-Horakhti, Amon-Ré-Atum, Ré-Horakhti-Osiris e Ré-Horakhti-Atum-Osiris (GRIFFITHS, 1973, 29).

¹² Esta tríade, tardiamente integrada no panteão egípcio (XVIII Dinastia) e cujas divindades são originárias da região da Síria-Fenícia-Palestina, onde nunca foram associadas em tríade, simboliza aspectos (erotismo, prazer sexual, fertilidade) de um mesmo fenómeno: a sexualidade. Vide também EDWARDS, 1955, 51.



Figs. 12 e 13. Três deuses masculinos: as *ba* de Pe (Buto) e Nekhen (Hieracômpolis).
Templo de Ramsés II, em Abidos, e túmulo de Inherkhau (TT 359), em Deir el-Medina, respectivamente.



Fig. 14. Três deuses num só: as formas solares Khepri-Ré-Atum (Heliópolis).



Fig. 15. Três deuses num só Ptah-Sokar-Osiris (Mênfis).
Estatueta de madeira estucada e pintada com 49 cm de altura. Época Baixa.
Kunsthistorisches Museum, Viena.



Fig. 16. Os três grandes deuses do Egito na XIX Dinastia.
Da esquerda para a direita: Ptah (Mênfis), Amon (Karnak) e Ré-Horakhti (Heliópolis).
O faraó Ramsés II está sentado entre Amon e Ré-Horakhti.
(*naos* do Templo Grande de Ramsés II, em Abu Simbel).

Os agrupamentos divinos de três deuses obedecem, portanto, à mesma ideia de pluralidade ou de unidade expressa na unidade associada ao número três, podendo consistir também em três divindades com cabeças de carneiro, de leão, de homem, de crocodilo ou de cão selvagem, por exemplo. O deus Anupu/Anúbis, a título de exemplo, pode ser representado três vezes para enfatizar justamente a ideia de pluralidade.

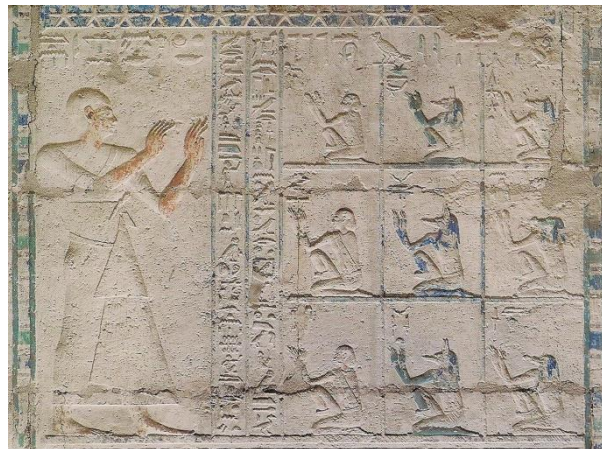


Fig. 17. Sychu venerando nove divindades-gênios antropomorfos:
três com cabeça humana, três com cabeça de cão selvagem e três com cabeça de crocodilo.
Naos do túmulo de Petosiris em Tuna-el-Guebel.
(Cf. CHERPION, OTEGGIANI, GOUT, 2007, 206, cena 95).

Na mitologia egípcia, o simbolismo do número três pode ainda assumir a função de signo de tensão, de oposição, de desafio, de permanente crise. O exemplo mais significativo e conhecido é certamente o jogo de antíteses e de dinâmicas contrárias subjacente às divindades Ísis, Set e Hórus, no âmbito do mito osiriaco (WILKINSON, 1994, 133). Ísis desempenha o papel de divina e protectora mãe da indefesa criança-divina Hórus das constantes investidas do brutal monstro Set. Este triângulo divino, além de dar coerência a toda a narração mítica, permite a sua evolução para um final de superação e de unificação.

Os três funcionam como uma unidade representativa da pluralidade de motivações, de percursos, de destinos.

O mesmo, aliás, se pode estipular para a trindade «especial» constituída por Osíris e as suas duas irmãs Ísis (também sua esposa) e Néftis (também sua amante), a que aludimos atrás. Esta unidade tripartida age nos relatos míticos em prol de uma unidade maior, futura, quer no plano físico-terrestre-histórico (produção de um filho sucessor, Hórus, encarnação de todos os faraós reinantes), quer no plano metafísico-do mundo subterrâneo-do metahistórico (produção de um filho preparador da vida no além-túmulo, Anupu/Anúbis, que possibilitará, assim, a seu pai a entrada e o domínio numa outra dimensão espacio-temporal). A «proximidade» das irmãs fará delas uma entidade dupla onnipresente na literatura e na iconografia tendo sempre por «referente agregador» o seu parceiro masculino Osíris.

As mesmas deusas, agindo, inseparavelmente, desde a mágica concepção à sustentação de vida, em prol da «herança política» do menino-deus Hórus constituem também com ele uma «tríade familiar», destinada a reafirmar a linha genealógica da fertilidade, da ordem, da legitimidade e da sucessão.

Enquanto as categorias da «tritheistic structure» representam a unidade divina através da pluralidade («plural differentiation of unity»), as três divindades da «modalistic Conception» são três modos de ser ou de se manifestar de uma mesma potência divina e reduzem dessa forma a pluralidade à unidade («restriction of plurality»). A tríade é, pois, a formulação teológica que permite melhor a mutação da unidade para a pluralidade e vice-versa: «By way of the triad, plurality moves to unity here, and vice versa» (TE VELDE, 1971, 81).

Talvez o exemplo mais extraordinário deste mecanismo seja a tríade constituída por Atum-Chu-Tefnut, ou seja, Sol, ar e humidade, as forças de vida presentes no «vazio» do Universo incriado¹³. No mundo mítico inicial, de «um» (*«Eu sou a Totalidade quando estava sozinho no Num»* - LM 17) passou-se rapidamente a «três»:

«(aquele) que Atum, o mais antigo, criou pelo seu poder, quando trouxe à existência Chu e Tefnut in Heliópolis, quando era um (e) quando se tornou em três.» (TS II, 39);

«Eu sou vida, senhor de anos, vida de eterna recorrência, senhor de eterna identidade, o mais velho que Atum fez com o seu poder, quando deu nascimento a Chu e Tefnut, em Heliópolis, quando ele era um e se tornou em três (...).» (TS 80);

¹³ O capítulo 115 do *Livro dos Mortos*, naturalmente em contexto funerário, denomina a tríade de Heliópolis como «os bau de Heliópolis»: «Eu conheço os bau de Heliópolis: é Ré, Chu e Tefnut». Neste texto, Ré toma o lugar de Atum. Bau é a forma plural de ba, vulgarmente traduzido como a «alma» do defunto. No entanto, aqui o termo deve ser entendido como «potências» (BICKEL, GABOLDE, TALLEY, 1998, 43, nota 27).

«Atum é aquele que (uma vez) veio à existência, que se masturbou em Iunu, que agarrou o seu membro com a mão e provocou com ela o orgasmo. Assim foram criados os gémeos Chu e Tefnut.»(TP 1248)

«Quando o Um se tornou Três» – m wn.f wa m xpr.f m xmt – é uma referência directa à problemática da desmultiplicação da unidade divina. Da unidade do ser autocriado (Atum/ Ré) evolui-se rapidamente para «dualidade original» (Atum de um lado, o primeiro casal divino do outro). A classificação numérica de base 2 (o casal divino) é perspectivada como uma desmultiplicação aritmético-sexual e uma diferenciação progressiva da pujante e dinâmica unidade original centrada no demiurgo solitário (SALES, 2007,171). Passa-se de um esquema unitário «1 + 0» para um tríade «1 + 2».

«Tríade peculiar»¹⁴, na medida em que não é constituída como nenhuma outra das tríades egípcias: excepcionalmente, é composta por um deus-pai e «duas crianças» (TAty), uma masculina e outra feminina¹⁵. É o único caso em que uma tríade contém mais do que uma criança divina. Herdeiras legítimas de seu pai, ambas as crianças cumprem o princípio da regeneração cíclica, teoricamente reservado nas tríades para o deus-filho, e manifestam, assim, a potência activa do deus-pai Atum (o deus que veio à existência para criar tudo o que existe). Não há, porém, uma divindade que desempenhe o papel de oposição binária sexual ao demiurgo¹⁶. Como deuses cósmicos simbolizando o ar/ a humidade, cumprem de igual modo o papel e as funções de provisoros e sustentadores de vida e da alimentação que os tradicionais deuses-criança assumem na mitologia egípcia.

Na concepção teológica de Heliópolis, a divindade solitária do pré-cosmos, Atum, reunia em si as qualidades masculinas e femininas que, depois, se expandiram na criação do primeiro casal cósmico-divino. A natureza dual do demiurgo original está implícita na passagem do TS II, 161a, que coloca na boca de Atum as seguintes palavras: *«Eu sou o masculino e o feminino»*. Chu e Tefnut possuíam em si os mesmos caracteres do pai Atum e eram, nesse sentido, desdobramentos do original e único Atum do princípio dos tempos; eram a manifestação da dualidade presente na unidade, através da separação de género sexual (CLARK, 1978, 80; SERVAJEAN, 2008, 3; BICKEL, 1994, 168; MEEKS, FAVARD-MEEKS, 1986, 148, 149). O monólogo do criador é enfático e persuasivo:

¹⁴ Siegfried Morenz chama à tríade Atum-Chu-Tefnut «une trinité du devenir» («eine Trinität des Werdens») ou «trinité par émanation» (Morenz, 1977, 195, 197). Te Velde considera-a um «special case» no âmbito das tríades egípcias (Te Velde, 1971, 83) e Englund «a creative unit» (Englund, 1989, 11).

¹⁵ Por vezes, Chu e Tefnut surgem em iconografias idênticas, sendo que na escultura greco-egípcia, ela é a «irmã» do deus-criança Chu (BUDDE, 2010, 2).

¹⁶ Essa oposição binária masculino-feminino só surgirá em Heliópolis com a deificação da «mão masturbadora» como Iusaas (CLARK, 1978, 53; Sales, 1999, 96).

«*Diṣ Atum: “É a minha filha viva Tefnut; ela está com o seu irmão Chu. Vida é o nome dele; Maet é o nome dela”.*» (TS 80; BICKEL, 2003, 44).

A dimensão trinitária do demiurgo significa que o «único» e «solitário» passava a ter uma família (Chu e Tefnut são-lhe consubstanciais) e a estar, dessa forma, acompanhado, não afectando esta multiplicidade, todavia, a unidade fundamental e a superioridade sexual e energética do criador: ele pôde criar sozinho o primeiro par divino; os irmãos-gêmeos nascidos directamente do pai precisaram um do outro para demonstrarem o seu potencial criador.

Não mais seria possível retornar à unidade primígena. De um monoteísmo ou henoteísmo primordial evoluiu-se para um triteísmo, estágio anterior ao politeísmo (TE VELDE, 1971, 80). Da tríade Atum-Chu-Tefnut desenvolveu-se em Heliópolis, através do processo hierogâmico, uma Grande Enéade (*Psdt-wrt*)¹⁷.

Também em Mênfis, Chu e Tefnut são associados a Ptah, como seus *bau*, formando uma tríade que, na opinião de Kákosy, «displays traits of both the modalistic and triheistic triads and (...) represent an intermediary form of the two» (KAKOSY, 1980, 53). A tríade Ptah-Chu-Tefnut, em que os deuses da segunda geração da Enéade heliopolitana são integrados em Mênfis como aspectos (ou consortes) de Ptah, «illustrate also the amalgamation of two theological concepts» (KAKOSY, 1980. 53).

Conclusões

Os deuses egípcios (*netjeru*) não se revelavam e, assim, para se captar a sua natureza, atributos, experiências e actuação histórica, é necessário perceber os traços das construções teóricas humanas desenvolvidas em seu redor (a chamada «langage d’abstraction») e neste domínio é indelmentável que o «plural que se torna uma unidade» associado à tríade como método de ordenamento do panteão foi um processo usado para correlacionar divindades e para transmitir e enfatizar a(s) sua(s) respectiva(s) função(ões). Neste sentido, a tríade divina soluciona o problema da tensão entre a multiplicidade empírica do panteão e a unidade do divino (MORENZ, 1977, 191).

A análise dos mecanismos estruturais do pensamento religioso egípcio no que se refere ao estabelecimento de diversos tipos de agrupamentos de três deuses do panteão

¹⁷ Neste caso da Enéade de Heliópolis, a «enéade» tinha nove deuses (embora com algumas variantes quanto aos seus membros), mas nem sempre uma «enéade» consistia em nove deuses. Em Abidos, integrava sete deuses; em Karnak, quinze. O importante não é o número definido de deuses, mas a sua indefinida pluralidade. A *pesedjet* é a expressão última da pluralidade (TE VELDE, 1971, 82; BILOLO, 1986, 48; TROY, 1989, 59; TRAUNECKER, 1992, 68; WILKINSON, 2003, 78, 79; SALES, 2007, 183, 206).

egípcio («tritheistic structure» e «modalistic conception») ao longo das várias épocas históricas mostra que subjacente a essas ordenações marcadamente dialécticas e politeístas está essa intenção de exprimir a essência do divino. A tríade é, sem dúvida, acrescentamos nós, a forma social e culturalmente mais eficaz de transmitir essa noção.

Por vezes, como conceito mitológico, a tríade é um «símbolo», isto é, «the manifestation of a human attempt to make an element of the divine world conceivable in human terms, that is, in terms of logic and sensuous perception, although these do not necessarily conform with the laws of nature» (ANTHES, 1961, 23). Mesmo quando para o estudioso moderno, amiúde mais confortável a falar de «Deus» do que de «deuses», há «aparentes contradições e inconsistências» no funcionamento interno das tríades egípcias, é preciso entender que a «diversidade de aproximações e explanações», nomeadamente as simbólicas, eram um princípio psicológico essencial do pensamento religioso egípcio¹⁸.

Definir a natureza dos deuses egípcios e penetrar no âmago da crença e dos rituais dos antigos Egípcios é, por isso, um assunto delicado e caleidoscópico. Mas, do ponto de vista do pensamento religioso, esse é justamente o ponto essencial que justifica a formulação – e o estudo – das tríades divinas egípcias.

Bibliografia

- ANTHES, R. *Egyptian Theology in the Third Millennium B. C.* JNES 18, N° 3, 1959, pp. 169-212.
- _____. *Mythology in Ancient Egypt*. In: *Mythologies of Ancient World*. New York: Anchor Books, 1961, pp. 16-90.
- ASSMANN, J. *The search for God in ancient Egypt*. Ithaca & London: Cornell University Press, 2001.
- BAINES, J. *Presentando y discutiendo deidades en el Reino Nuevo y el Tercer Período Intermedio en Egipto*. In: CAMPAGNO, M.; GALLEGÓ, J.; MAC GAW, C. G. G. *Política y Religión en el Mediterráneo Antiguo*. Egipto, Grecia, Roma, PEFSCEA n° 6 – Estudios del Mediterráneo Antiguo. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2009, pp. 103-156.
- BAINES, J. et al. *Religion in Ancient Egypt: gods, myth and personal practice*. New York: Cornell University Press, 1991.
- BARUCQ A.; DAUMAS, F. *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*. Paris: Éditions du Cerf, 1980.
- BICKEL, S. *L'iconographie du dieu Khnoum*. BIFAO 91, 1991, pp. 55-67.
- _____. *La Cosmogonie Égyptienne avant le Nouvel Empire* (OBO 134). Friburg-Göttingen: Éd. Universitaires, 1994.
- BICKEL, S.; GABOLDE, M.; TALLET, P. *Des annales héliopolitaines de la Troisième Période Intermédiaire*. BIFAO 98, 1998, pp. 31-56.
- BILOLO, M. *Les cosmo-theologies philosophiques d'Héliopolis et d'Hermopolis. Essai de thématization et de systématisation*. Kinshasa/ Libreville/ Munich: Publications Universitaires Africaines, 1986.
- _____. *Le créateur et la création dans la pensée memphite et amarnienne. Approche synoptique du «Document Philosophique de Memphis» et du «Grand Hymne Théologie» d'Echnaton*. Kinshasa/ Libreville/ Munich: Publications Universitaires Africaines, 1988.
- BLEEKER, C. J. *Hathor and Thoth: Two Key Figures of the Ancient Egyptian Religion*. Leiden: E.J. Brill, 1973.

¹⁸ DERCHAIN, 1970, 75. Como escreve o mesmo autor, «Dans une civilisation évoluée comme la civilisation égyptienne, la notion du divin peut avoir pris des caractères propres, proches d'autres conceptions évoluées, sans pourtant s'identifier nécessairement avec elles» (DERCHAIN, 1970, 78).

- BUDDE, D. *Child Deities*. In: DIELEMAN J.; WENDRICH, W. UCLA Encyclopedia of Egyptology, Los Angeles. 2010, (<https://escholarship.org/uc/item/9cf2v6q3>).
- CARREIRA, J. N. *Estudos de Cultura Pré-Clássica*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- *Catalogue des Monuments et Inscriptions de l'Égypte antique. Tome II. Kom Ombos*, Vienne: Adolphe Holzhausen, 1895.
- CHERPION, N.; CORTEGGIANI, J.-P.; GOUT, J.-F. *Le tombeau de Pétoisiris à Touna el-Gebel. Relevé photographique*. Caïre : Institut Français d'Archéologie Orientale, 2007
- CLARK, R. T. R. *Myth and symbol in ancient Egypt*. London: Thames and Hudson, 1978.
- DAUMAS, F. *Les dieux de l'Égypte*. Paris: P.U.F., 1982.
- DAVID, A. R. *The Ancient Egyptians. Religious Beliefs and Practices*. London/ Boston/ Henley: Routledge & Kegan Paul, 1982.
- DERCHAIN, P. *La religion égyptienne*. In: Histoire des Religions I, Encyclopédie de la Pléiade. Paris: Éditions Gallimard, 1970, pp. 63-140.
- _____. *Les dieux de l'Égypte*. In L'Égypte ancienne, Paris: Éditions du Seuil, 1996, pp. 17-28.
- DESROCHES-NOBLECOURT, C. *Le secret des temples de la Nubie*. Paris: Stock/ Pernoud, 1999.
- DEVAUCHELLE, D. *Osiris, Apis, Sarapis et les autres. Remarques sur les Osiris memphites au I^{er} millénaire av. J.-C.* In: COULON, Laurent, *Le culte d'Osiris au I^{er} millénaire av. J.-C. Découvertes et travaux récents*. Caïre: Institut Français d'Archéologie Orientale, 2010, pp. 49-62.
- DUNAND, F.; ZIVIE-COCHE, C. *Dieux et hommes en Égypte. 3000 av.J.-C. - 395 apr. J.-C. Anthropologie religieuse*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1991.
- EDWARDS, I.E.S. *A Relief of Qudshu-Astarte-Anath in the Winchester College Collection*. JNES 14, n°. 1, 1955, pp. 49-51.
- ENGLUND, G. *God as a frame of reference. On thinking and concepts of thought in Ancient Egypt*. In: ENGLUND, G. *The religion of ancient Egyptians – cognitive structures and popular expressions*. Uppsala: Universitatis Upsaliensis, 1989, pp. 7-28.
- GARDINER, A. H. *Hymns to Amon from a Leiden Papyrus*. ZÄS 42, 1905, pp. 12-42.
- GRIFFITHS, J. G., *Triune conceptions of divinity in Ancient Egypt*. ZÄS 100, 1972, pp. 28-32.
- HART, G. *A dictionary of Egyptian gods and goddesses*. London/ New York: Routledge & Kegan Paul, 1986.
- HORNUNG, E. *Conceptions of god in ancient Egypt*. London: Routledge & Kegan Paul, 1982.
- _____. *Les dieux de l'Égypte - Le Un et le Multiple*. Monaco: Éditions du Rocher, 1986.
- KÁKOSY, L. *A Memphite triad*. JEA 66, 1980, pp. 48-53.
- LALOUETTE, Claire, *Dieux et pharaons de l'Égypte ancienne*. Paris: Librio, 2004.
- MEEKS, D. *Notion de "dieu" et structure du panthéon dans l'Égypte ancienne*. Revue de l'Histoire des Religions, tome 205, n° 4, 1988, pp. 425-446 (http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rhr_0035-1423_1988_num_205_4_1885).
- _____. *Zoomorphie et image des dieux dans l'Égypte ancienne*. In: Corps des dieux. Le temps de la réflexion VII, Paris: Éditions Gallimard, 1986, pp. 171-191.
- MEEKS, D.; FAVARD-MEEKS C. *La vie quotidienne des dieux en Égypte*. Monaco: Éditions du Rocher, 1986.
- MORENZ, S. *La religion égyptienne. Essai d'interprétation*. Paris: Payot, 1977.
- PETERS-DESTÉRACT, M. *Abou Simbel. À la gloire de Ramsès*. Monaco: Éditions du Rocher, 2003.
- SALES, J. das C. *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egípto antigo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.
- _____. *Cosmogonia*. In: ARAÚJO, L. M. de. *Dicionário do antigo Egípto*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 243-246.
- _____. *Recuperação do património arquitectónico: o caso de Abu Simbel*. Discursos. Língua, Cultura e Sociedade, III Série, n.º 6. Estudos do Património, 2005, pp. 29-66.
- _____. *Estudos de Egiptologia. Temáticas e Problemáticas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.
- _____. *Sexualidade e sagrado entre os Egípcios. Em torno dos comportamentos erótico-sexuais dos antigos deuses egípcios*. In: RAMOS, J. A.; FIALHO, M. C. F.; RODRIGUES N. S. *A sexualidade no mundo antigo*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa/ Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2009, pp. 55-79.
- _____. *Diálogo teológico-cosmogónico egípcio*. Revista Lusófona de História das Religiões, Ano X - n° 16, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2011, pp. 189-227 (<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/3821/2551>).
- _____. *Divine Triads of Ancient Egypt*. Hathor. Studies of Egyptology. Lisboa: Instituto Oriental/ CEAUCP, 2012, pp. 115-135.
- SERVAGEAN, F. *À propos du temps (neheb) dans quelques textes du Moyen Empire*. ENIM 1, 2008, pp. 15-28.
- SILVERMAN, D. *Divinity and deities in ancient Egypt*. In: SCHAFER, B. *Religion in ancient Egypt: Gods, myths, and personal practice*. Ithaca: Cornell University Press, 1991, pp. 7-87.
- TE VELDE, H. *Some remarks on the structure of Egyptian divine triads*. JEA 57, 1971, pp. 80 -86.

- _____. *Mut and other ancient Egyptian goddesses*. In: PHILLIPS, Jacke, *Ancient Egypt, the Aegean, and the Near East. Studies in honour of martha Rhoads Bell. Volume I*. San Antonio: Van Siclen Books, 1997, pp. 455-462.
- THOMAS, A. P. *Egyptian Gods and Myths*. Aylesbury: Shire Publications Ltd., 1986.
- TRAUNECKER, Cl. *Les dieux de l'Égypte*, Paris: P.U.F., 1992.
- TROY, L. *The Ennead: the collective as goddess. A commentary on textual personification*. In: ENGLUND, G. *The religion of the ancient Egyptians – cognitive structures and popular expressions*. Proceedings of Symposia in Uppsala and Bergen, 1987 and 1988. Uppsala: Universitatis Upsaliensis, 1989, pp. 59-69.
- WATTERSON, B. *The gods of Ancient Egypt*. London: Batsford Ltd., 1984.
- WILKINSON, R. *Symbol & Magic in Egyptian Art*. London: Thames and Hudson, 1994.
- _____. *The complete temples of Ancient Egypt*. London: Thames & Hudson, 2000.
- _____. *The complete gods and goddesses of ancient Egypt*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2003.
- _____. *Anthropomorphic Deities*. In: DIELEMAN, J.; WENDRICH, W. (eds.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*. Los Angeles, 2008 (<https://escholarship.org/uc/item/5s54w4tc>).
- ZABKAR, L. V. *The theocracy of Amarna and the doctrine of the ba*. JNES 13, n° 2, 1954, pp. 87-101.